DEPÓSITO LEGAL

X

Semanário de grandes reportagens

N.º 6 1$00 Esc.

O que está por detraz das últimas grandes burlas mundiais

Do Angola & Metropole a Krügger, Stavisky, etc.

ESPECTACULOS

Teatros

Nacional – 21 e 30 – "Sol Poente"
Avenida–21 e 30 – O amor... é o Diabo»
Trindade – «O menino virtuoso»
Gimnásio – 21 e 30 – Temporada mixta internacional.
Apolo – 20,45 e 22,45 – «Zé dos pacatos»
Variedades–20,45 e 22,45–«O Chico das Pegas».
Maria Vitória – 20,45 e 22,45 – «Viva a folia!»
Coliseu – 20 e 30 e 22 e 45– «O Fim do Mundo».

Cinemas

São Luiz–15 e 21 e 30.
Tivoli–15 e 21 e 30.
Condes–15 e 21 e 15.
Central–15 e 50 e 21 e 30.
Olimpia–Das 15 e 30 às 0.
Capitólio–21.
Chiado Terrasse–15, e 21 e 15.
Odeon–15 e 30 e 21 e 30.
Lys Das 14 e 30 às 19 e 21 e 15.
Paris–20 e 45.
Salão Portugal - 15 e 21.
Palatino–21.
Palácio - 21 e 15.
Europa–21.
Royal–15 e 21 e 15.
Eden-Cinema–(Rua do Alvito)–21.
Promotora–(L rgo 2) de Abril, ao Calvário)–21.
Imperial–(Rua Francisco Sanches).
Salão da «Voz do Operário»–21.
Cine Oriente–(Penha de França).
Salão Ideal–(Loreto).
Cine Rossio–21.
Musical Cinema Parque–(Par. Mayer).
Pavilhão Português–(Par. Mayer)–21.
Max-Cine–(Rua Barão de Sabrosa).
Jardim-Cinema – As segundas, quartas, quintas e domingos, cinema e concêrto—14 e 45 e 20 e 45
Bélgica Cinema–(Rua da Beneficência, ao Rêgo)–21.
Esplanada Vitória–(Rua Alves Torgo).
Cine Salão Braço de Pata–A's quartas e doming s.

Rapidez perfeição economia

SÓ NA

Imprensa BELEZA
R. da Rosa, 99 a 107
Telefone 2 1622 — LISBOA

TODOS A PREFEREM!

rector: Reinaldo Ferreira (Reporter X)
Redactor-chefe e editor: Américo Faria
Administrador: António Beleza
Propriedade da Imprensa Beleza
Red., Adminst. e Oficinas: IMPRENSA BELEZA, R: da Rosa, 99 a 107 — Telef. 2 1622
Delegação no Porto: Rua de Santo Ildefonso, 86-88 — PORTUGAL
ANO I LISBOA, 27 DE DEZEMBRO DE 1934 N.º 6

BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA

O nariz de Cyrano de Bergerac

e a vida ignorada de Anibal de Morais

pelo Reporter X

SE não temesse que tal confidência fosse de sacrilego desrespeito — cia pudesse ser injustamente apontante um cadáver em que os vermes mal iniciaram o seu banquete — desabafaria esta verdade: que mantenho há muito no meu frigorífico dos «assuntos premeditados» — aguardando a oportunidade fatal da morte — um artigo, mui esmiuçado, sôbre a individualidade de Anibal de Morais, o fundador-director do «Jornal de Notícias», do Pôrto — falecido há dias...

O seu físico, um mixto de caricatura e de elegância, de fealdade e de imponência, era o primeiro atractivo para um observador... De idade a prémio para os que não soubessem quem êle era (uns, pela aparência, davam-lhe quarenta anos; outros, exagerando a tradição e as «blagues» que giravam à sua volta — orçavam-no pelas alturas de um século) — êle defendia-se, como se defendia de todos os perigos, de todos os imprevistos, incómodos, e maldades, e ciladas — fôssem armadas pelos homens ou pela Fatalidade do Destino... Atravessava o Pôrto, irrepreensível, brummelesco, como que engomado dos pés à cabeça, flôr sempre fresca na lapela, colarinho espelhante, bigodes untados, sapatos reluzentes de graxa e cabelos tão reluzentes como os sapatos, anéis a cintilarem nos dedos; um cordão abrasileirado cortando o colete, imaculadamente branco, e uma bengala sempre variada e de castão sempre precioso. O seu passo era rítmico, um pouco lento, mas firme... Era um moço... «au ralenti»!

O único detalhe do seu «exterior» que o gafava — e que o afligia, o desesperava — era o nariz — um nariz abatatado, rubicundo, enorme, grelado... Gastara fortunas para o normalizar — mas inùtilmente! Dir-se-ia o «ex-libris» do seu físico — e por mais êle procurasse desviar as atenções para o seu janotismo, para o seu porte — e até para as refulgências do seu espírito — o nariz, um nariz de Cyrano de Bergerac, impunha-se, sobrepunha-se, abafava tudo o mais...

Estes narizes assim, são — na antropologia das almas e dos espíritos — um sintoma infalível de uma grande alma e um grande espírito. E como Cyrano de Bergerac, Anibal de Morais era generoso e bom, sentimental e forte...

A sua vida tinha a regularidade de um pêndulo — tanto no purgatório do trabalho — como no paraíso dos prazeres ou no segrêdo das suas manifestações de bondade. Vivia no «Grande Hotel do Pôrto». O contrato da sua estadia nesse hotel — é, já por si, uma manifestação eloqüente do seu espírito. Um dia, as antigos proprietários dêsse hotel necessitaram de uma soma quantiosa de dinheiro — e pediram-lho. «— Estou pronto a cedê-la — disse — com uma condição: que os senhores não ma pagam, mas que me hospedam de graça até ao fim da minha vida!» Os hoteleiros fizeram cálculos... Urgia-lhes o dinheiro; êle — Anibal de Morais — pouco mais podia viver —; se vivesse cinco anos — era um milagre! —; ora a despeza dêsses cinco anos representava metade da soma que êle lhes oferecia. Aceitaram. Anibal sorriu-se... proféticamente! É que em vez de cinco — viveu mais vinte e sete! Viveu, pois, dezassete anos de hospedagem gratuita!

Levantava-se às dez horas. Das dez às doze — dedicava-se exclusivamente ao seu rosto, frente ao espelho e a um

estendal de frascos, boiões e pinças... Não que tivesse a coquetterie de se maquilhar como uma vedeta. Era apenas por causa do nariz — atenuar, o mais possível, aquela fealdade que o desesperava. Vinha depois o barbeiro; o criado com o fato engomado; enroupava-se, dandisava-se — e ia almoçar — sóbrio, preferindo legumes e frutas às carnes, sem provar vinhos... Acautelava-se... Amava a vida! Queria viver muito — o mais possível! Às treze — entrava no jornal — e demorava-se duas horas. Das quinze às dezóito — visitas mundanas, clubes, palestras, sobretudo «five's» elegantes e aristocráticos. Velho, inteligente — e, portanto, sem ilusões — continuava a adorar as mulheres como na mocidade. Já não era o Tenório que dera brado — nem o podia ser; e tinha o espírito suficiente para o compreender... Era o «velho-amigo», espirituoso e conselheiro, sem ser conselheiral; aquêle que as mocinhas gentis cercam, e escutam com mais encanto do que aos jóvens guapos e opacos de inteligência; aqueles que, embora sem atracção física, as mulheres aguardam com interêsse, com quem desabafam, a quem revelam — o que tiveram o pudor de ocultar no confessionário; com quem contam como um pai bondoso, experiente, tolerante... E graças a êste seu dom — Anibal era adorado pelas damas e pelas senhoritas da boa sociedade do Pôrto — pelas mais belas, e esquivas...

...Às dezóito, outra vez no jornal — vigiando, ouvindo, mandando, fingindo não vigiar, nem ouvir, nem mandar... Depois subia, lentamente, Sá da Bandeira. Estacava às portas de certas lojas — onde se agrupam tertúlias tradicionais... O seu «potin» do dia — era sempre o mais sensacional... Às vinte, no hotel; e após o jantar — visitas, «premières», sempre cercado pelas suas amigas — suas confidentes, suas confessadas...

Que admirável «Larousse» sôbre os bastidores da alta sociedade do Pôrto — Anibal de Morais nos podia ter deixado — se soubesse escrever livros — e, sobretudo, se não fôsse um «gentleman» — um poço onde os segredos caíam e de onde nunca mais emergiam...

* * *

Anibal de Morais pertencia a essa fauna de «fazedores» de grandes jornais — dos que, sendo essencialmente jornalistas — nunca escreveram para os jornais. Foi assim o Silva Graça — que revolucionou, que europeizou a Imprensa portuguesa — ao tomar conta de «O Século»; foi assim o velho Gaspar Baltar, o «brasileiro rico» a quem, de regresso à pátria, apeteceu ter jornal, fundando o «Primeiro de Janeiro», seleccionando uma elite de colaboradores — e mandando cortar linhas aos artigos de Pinheiro Chagas, de Alpoim, etc., — porque — dizia êle — se eu não percebo o que êles escreveram nessas frases, o público tão pouco comprenderá —; e em França o fundador do «Matin»; e na Inglaterra, o do «Times»; — homens que tendo uma noção nítida do que era jornalismo, articulavam um diário até ao mínimo detalhe; pensavam todos os artigos, no-

Semanário de Grandes Reportagens

tícias, folhetins — mas que eram incapazes de realizar, de pena na mão, um simples eco. Quantas vezes assisti eu a Manuel Guimarãis, hoje sub-director do «Século» — então director de «A Capital», onde me estreei — a «ditar» — ditar é o termo — quási tôda a gazeta, desde o fundo à intrigalhada política — sem que se decidisse a projectar sôbre o papel, através de mil rabiscos, o filme de ideias que se lhe desbobinava no cérebro.

Aníbal de Morais conhecia o Pôrto — e sabia o que era um jornal. Fêz o «Notícias» à medida — sem emoções nem dúvidas — na certeza absoluta de acertar... Podem contestar-me que o «Notícias» é — foi sempre — aleijado de mil defeitos, deficiências, lacunas, plebeísmos inadmissíveis... Mas não julguem que Aníbal os ignorava ou que não sabia emendá-los... Não! Defeitos e lacunas eram voluntários, calculados, premeditados, estudados — como se estuda e calcula um brilharete, uma melhoria, um aperfeiçoamento. Êle sabia para quem o jornal era feito — e assim como seria inútil produzir uma «Nacion», como a de Buenos Aires (considerada o melhor jornal do mundo) para o Japão — visto que «Nacion» é redigida em espanhol e a grande maioria dos japoneses não lêem castelhano — entendeu que todos os seus esforços e conhecimentos da matéria deviam ser nivelados pelo paladar do público a que o seu jornal era destinado.

Um dia um «fils-à-pápá», do Club Portuense, que acabara de herdar volumosa fortuna — abordou-o:

«— Sr. Aníbal! Penso abandonar esta vida de vagabundo elegante que levo — e dedicar-me a uma obra séria. Pensei em fundar um grande jornal... Como o senhor é um perito na matéria desejava que me désse alguns conselhos.»

«— Olhe, meu amigo... — respondeu Aníbal, gaguejando — a gaguez tomava nêle aspectos de uma ironia desconcertante — ...Compre boas máquinas... — das alemãs, que são as melhores... Muito cuidado com o papel — nada de papel ordinário como o do «Notícias», em que sai tudo manchado; escolha bons redactores — mesmo que os tenha de procurar em Lisboa e disputá-los ao «Século», ao «Diário de Lisboa» ou ao «Diário de Notícias»... Uma elite de colaboradores — grandes nomes, alguns académicos; três ou quatro romancistas — um humorista afamado... Ah! Não esquecer as ilustrações... Dois ou três fotógrafos que sejam bons repórteres e com bons «kodaks», um caricaturista célebre — nada de principiantes sem nome... Depois... depois de reünir tudo isto — pode lançar o jornal — e então o jornal... o jornal... o jornal...».

E como a gaguez de Aníbal impacientasse o ouvinte — êste interrompeu-o...

«— O jornal triunfa, não é assim?».

«— Nã... Nã... Não senhor! O jornal dura uma semana... por... por... porque não tem leitores!».

Êle estava em dia não só com o que se passava pelo mundo — como também pelo que se «pensava» e se «escrevia»... Lia muito — lia sempre! Não se publicava um novo jornal que êle não o adquirisse — e não o estudasse, buscando uma evolução, uma melhoria, uma novidade técnica. E pessoalmente — surpreendia freqüentemente os mais «avançados» e «modernos» com as suas «ideias», as suas «noções». Norberto Lopes confidenciou-me uma vez que, tendo dêle uma impressão de retrógrado, de «provinciano» do «metier» — se pasmara, durante um almôço, no «Grande Hotel», com o que lhe escutara sôbre jornalismo.

A causa dêsse seu errado rótulo — vinha da sua excessiva frieza, do seu exagerado sentido prático, da sua precisão de relojoeiro — incapaz de transigir com uma aparência ou com uma satisfação moral-profissional — quando se tratava de interêsses materiais da sua gazeta. Em 1928 — abandonei voluntàriamente — e com que saüdade dos camaradas que deixava — um jornal onde trabalhára durante anos — obrigado por um decreto de coerência moral. Um amigo comum lembrou a Aníbal: «— Fulano saiu do diário «Z» — onde, em pouco tempo, fêz aumentar a tiragem. Era a oportunidade de o convidares para o «Notícias»...». — Resposta de Aníbal: «— Gostava imenso que Fulano viesse para cá e tenho a certeza de que me traria grandes vantagens de público... Mas Fulano está fora da minha «técnica» comercial... Fulano, quando sai de um «jornal», faz falta a êsse «jornal», porque o leitor comprava o «jornal» por causa de Fulano e não por causa do jornal. Ora o que eu quero é que o «Notícias» seja só «Notícias» — sem «Fulanos»; ou seja que Fulanos entrem e saiam do meu diário, sem que o público o note — e assim, o «Notícias» é sempre o «Notícias...».

* * *

São infinitas as histórias que rabiavam no Pôrto à volta de Aníbal de Morais, da sua fleugma, da sua filosofia, do seu sentido prático da vida, dos homens e dos jornais...

O «Notícias» é um dos diários de maior rendimento do país. A tiragem orça por 40.000 exemplares — o que já representa uma garantia de fortuna. Mas além da tiragem tem a publicidade — sobretudo a publicidade «miuda» — chamada de «criadas de servir» — que totaliza muitos milhares de escudos diários. Dizia-se que, além dos lucros anuais — Aníbal levantava um conto diário. Como as suas ambições nadavam dentro dessa soma — era-lhe indiferente o resto.

Um dia um velho funcionário da gazeta, homem de grande confiança do director — entrou alvoroçado no seu gabinete, proclamando:

«— Oiça, sr. Aníbal. O chefe da secção W... que o senhor admitiu está burlando descaradamente o jornal!

«— Ah! Sim? — fêz Aníbal, gaguejando — mas mui calmo. — E em quanto calculas tu que êle nos está prejudicando?».

«— Pelo menos... em cem escudos diários!».

«— Pois... pois... fica... ficas... já... sabendo que é muito honrado! Podia levar-nos muito mais! O an... anterior roubava-nos duzentos escudos... e o pró... próximo deve orçar pelo... dô... dô... dôbro! Deixa-o... lá! Em... emquanto isto che... chegar para nós vivermos — não te importes!

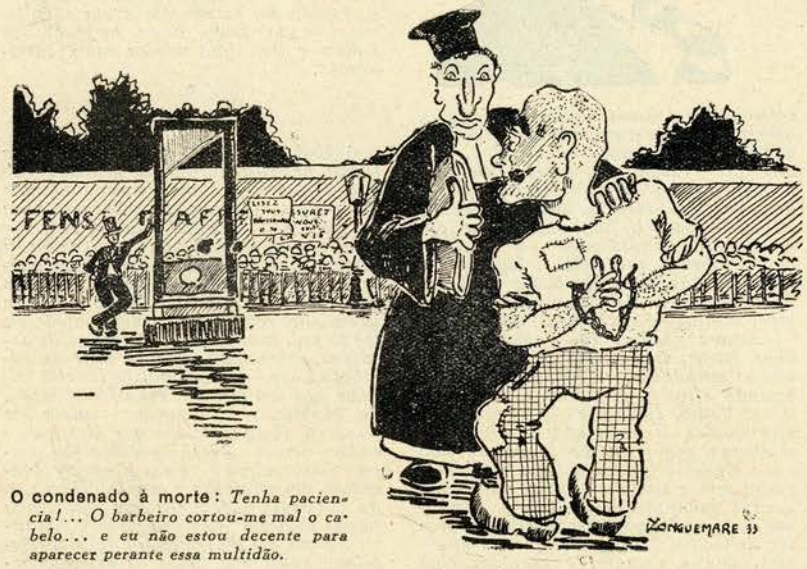
* * *

Aníbal era rico... era muito rico mesmo. E além disso — já disse — ou já me disseram — levantava um conto diário do «Notícias». E fazia uma vida económica — quási sem despeza. O próprio hotel... — eu já contei...

Que fazia Aníbal a todo êsse dinheiro?

Eis a nota mais simpática da sua vida... Eram inúmeras as famílias empobrecidas que, todos os meses, recebiam de mão ignorada, o suficiente para se manterem! Aquela mensalidade caía-lhes do céu — e por mais que farejassem não atinavam com quem os salvava da fome... Era nas horas em que se fechava no seu quarto de hotel, maquilhando, enervado, aquele nariz irritante de Cyrano de Bergerac, que êle, como quem premedita uma façanha inconfessável, preparava essas esmolas, floridas da alma — sem desejos de vaidade ou de popularidade... E depois, na ilusão que disfarçava o nariz, rondava essas famílias, gozava ao vê-las em bem-estar, não se denunciando nunca; e a seguir fazia-se cercar pelas damas e pelas moças da sociedade que o mimavam como a um avô — e de onde lhe vinha o prémio das suas únicas ilusões: a do «nariz» e a da mocidade. Era venturoso assim; venturoso e bom.

De tôdas as lágrimas que irromperam, espontâneas, sôbre a notícia da sua morte — apenas as verdadeiras, as sinceras, foram as dessa gente que o estimava — ignorando que era êle quem lhes mitigava a fome; e dessas moças... e dessas damas que... que... talvez lhe devessem mais bondade, mais generosidade do que os outros...



O condenado à morte: *Tenha paciência!... O barbeiro cortou-me mal o cabelo... e eu não estou decente para aparecer perante essa multidão.*

O que se passa dentro e fóra dos estudios da T. S. F.

que o público ignora

▲

O Natal do polícia. — O crime de Eduardo. — Uma tragédia conjugal. — As torturas dos Neófitos. — O ladrão que a T. S. F. arruina.

...de dentro ouviam-se gritos de socorro...

Foi no Natal — há já alguns anos! Buenos Aires, a cidade-luz da Sul-América embrulhava-se numa espessa tarlatana de frio que enregelava os transeuntes e embrulhava de humidade as ruas e as coisas.

Nos lares felizes, nos estonteantes clubes, nos «dancings» alucinantes, nos ruídosos «cabarets», em tôda a parte, enfim, se fazia alegremente a consoada.

Carlos Bozan, guarda da Segurança, achava-se então de serviço em determinada zona da cidade — e aguardava impacientemente as 22 horas para abandonar o «giro» — e, com a família e os filhinhos, festejar também o Natal. Carlos Bozan era um agente modêlo. Modesto, sem que se pudesse considerá-lo um «ás» de argúcia, era, no entanto, meticulosíssimo em questões de serviço, não se afastando, sob nenhum pretexto, da recta que havia traçado no desempenho da sua missão profissional. Tinha uma rígida noção daquilo que considerava o seu dever.

Nessa noite e enquanto calcurriava a área a seu cargo, ia acastelando o seu programa da festa junto dos seus. É preciso notar que, há muitos anos já, era aquele o primeiro Natal de que podia dispor para o passar com a família, fora do serviço... Daí, a sua impaciência nervosa, o consultar repetido ao seu cronómetro de algibeira... Que a ceia esperava-o, quentinha e apetitosa.

Finalmente, à almejada hora, um colega veio substitui-lo...

A residência de Bozan ficava ainda um pouco distante — e para lá chegar o agente tinha que atravessar um bairro escuro da cidade. Numa pastelaria que encontrou aberta, no percurso, lembrou-se de comprar bolos para os filhos... Seria uma surprêsa que faria aos pequerruchos.

E com o embrulho preso por um cordel lá se meteu ao caminho, ante-saboreando as delícias daquela noite passada com os entes queridos.

Porém, de súbito, numa rua estreita e mal iluminada é salteado por uns gritos lamentosos e aflitivos que saíam de uma janela... O guarda estaca, indeciso... O dever profissional impele-o a intervir, a curar das causas daqueles brados cortantes que laminam o espaço... Mas... mas... Lá em casa estão à sua espera, com todos os encantos de uma ceia de Natal, em família... E êle que já há tanto tempo não sabia o que isso era!... Ia prosseguir no caminho, quando os lamentos se repetem mais insistentes, mais apavorantes...: «— Estou ferida, meu Deus!... Eduardo, não te atraiçoei!... Não me batas mais... Socorro, que eu môrro!...»

Bozan, polícia acima de tudo, não quis saber de mais e, enfiando pela porta do prédio onde se estava desenrolando aquela tragédia, trepou pelas escadas, disposto a intervir. Não obstante, à medida que subia iam-se-lhe estereotipando no cérebro as massadas que do facto adviriam para si... Teria que ir ao posto... proceder a diligências... travar, possivelmente, luta com o criminoso... ter que conduzir a ferida ao hospital... — e, depois de tudo isto, dizer adeus ao Natal e à ceia em família, rodeado pela mulher e pelos filhos...

Retrocedeu! Era a primeira vez na sua carreira de agente policial que deixava de cumprir o seu dever... Mas, havia uma razão, de permeio — uma noite de doce felicidade.

Fugiu do local, em direcção a casa, como louco, e obsecado agora por aqueles gritos que não cessavam de martelar-lhe os ouvidos: — «Eduardo, não me batas mais!... Ai! que me matas!...» Para esquecer, ia bebendo em tôdas as locandas que se lhe deparavam no caminho...

Alguns metros distante da sua casa, parou esbaforido, tentando recompor as feições. E depois, já um pouco mais sereno, ao taconear os primeiros degraus da sua escada, eis que de novo e agora mais distintamente a retina auditiva lhe apreende a mesma voz de mulher, os mesmos berros de socorro, o mesmo nome de Eduardo, soltado aflitivamente...

Santo Deus! Estaria sonhando! Seria o álcool? E parecia partirem de sua própria casa, os gritos!... Mas como podia ser aquilo? Carlos Bozan não raciocinou, não quis pensar. Pulou os degraus a quatro e quatro — e sempre os gritos a teclarem-lhe no cérebro a mesma nota esmagadora. Desvairado, arremeçou-se estrondosamente contra a porta. Nesse momento os gritos cessaram de repente. À porta apareceram os semblantes sorridentes dos seus filhitos. Um dêles, agarrando-se-lhe às pernas não pôde conter-se que lhe não dissesse: «— Papá!... Papá!... Temos uma surprêsa para ti... A mamã, com as economias que conseguiu juntar, comprou um aparelho de telefonia...». E logo de dentro, a espôsa, pôs o aparelho a funcionar.

«—Agora, Eduardo, nunca mais me separo de ti! Serei tua até à morte!» Ouvem-se palmas e logo a seguir a voz do «speaker» anunciando: —Meus senhores e minhas senhoras, terminou a emissão da farça-radiofónica — Uma tragédia conjugal!...».

Carlos Bozan compreendeu tudo, então. A T. S. F. fizera-lhe passar um mau quarto de hora...

A Emissora de Londres vista por dentro

Êste caso, relatado por «El Suplemento», de Buenos Aires, ocorreu-nos agora ao lermos em certo jornal de Londres, um curioso artigo sôbre surprêsas da T. S. F..

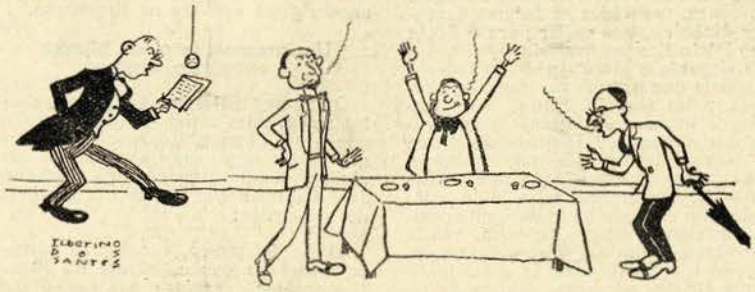
Já há muito tempo que se descobriu uma nova e estranha doença — o terror do «micro». É uma doença que aflige até mesmo os conferencistas que têm passado a vida a falar em público.

Assim, um ou dois dias antes da emissão, o conferente vai à emissora e é apresentado ao «micro». Lê a sua prosa (o microfone está «morto») sob o ouvido crítico do anunciador que vai apresentando sugestões várias para uma melhor entoação. Só depois de alcançar um bom tipo de voz é dado como pronto para «falar».

Quanto aos artistas de variedades, neófitos nas suas relações com o microfone, o caso chega por vezes a atingir um grau de tortura muito mais elevado do que na sua estreia no tablado... Uns, esquecem-se de canções já mil vezes cantadas por si, com êxito; outros cantam, acompanhando-se de gestos, como se de facto estivessem defronte de uma plateia...

Quem pela primeira vez entrar na grande emissora de Londres julgará ter pentrado num hospital de doidos. Ver-se-á um actor sentado nos ombros de um colega, cantando ou falando ao microfone para elevar a voz acima da multidão; uma encantadora actriz dei-

(Continua na pág. 14)



Na Emissora Nacional representa-se a «Ceia dos Cardeais» deante do microfone...

O QUE PENSAM E O QUE FAZEM ACTUALMENTE

os negros que estiveram na Exposição Colonial

Do sertão à civilização e... vice-versa - O casamento da Rosinha — Um Romeu d'ebano - Os retratos que um principe negro levou no regresso — «Ménage» europeu — A «Clara Bow» em pijama — A história dum gramofone

UMA das vezes que visitámos a grandiosa Exposição Colonial do Pôrto — um amigo, depois de rondar a improvisada aldeia onde acampavam várias famílias angolanas — fêz-nos a seguinte confidência:

«— Pagaria o que fôsse preciso para saber o que esta gente, dum primitivismo espiritual de crianças, arrancada ao sertão e trazida, de súbito, para êste ambiente civilizado — pensará do cenário, dos indivíduos e dos costumes que a cercam; quais as impressões que colheu; se se deixou enfeitiçar pelo brilho, pelo fausto da nossa civilização ou se, pelo contrário, a despreza, se se aborrece e enfastia — preferindo, mil vezes, a liberdade da existência selvagem das suas terras. Curioso seria ainda acompanhá-los no regresso, ouvi-los contar, aos que ficaram, o que viram, o que conheceram; os bruxedos das luzes que acendem sem fôgo, dos carros que rodam sem serem tirados por animais; os trajos das damas; as atenções, por vezes papalvas, dos homens...»

Várias vezes, após o encerramento da Exposição, recordamos as palavras dêsse amigo e nelas meditamos. Directa ou indirectamente temos obtido informações dispersas sôbre o «regresso» dêsse «mostruário-humano». Por exemplo: certo indivíduo, africano de nascença... e de côr — comerciante endinheirado, inteligente, culto, mais europeu que muitos europeus e que há muito reside em Lisboa — resolveu um dia ir ao Pôrto, visitar a Exposição — enamorou-se de Rosinha — a esbelta negra de helénica plástica e perturbante beleza — mas com tal cegueira e ardência que já não voltou a Lisboa, sendo o primeiro a entrar e o último a sair do Palácio de Cristal, perseguindo-a, usando subterfúgios para lhe oferecer regalos valiosos — e a tal extremo que uma tarde, alucinado, barrando-lhe o passo, prendendo-lhe as mãos, propôs casamento — indiferente ao escândalo que provocava, escândalo êsse que levou a polícia a prendê-lo. Pois bem. Êsse Romeu de ébano, seguiu para África — e, segundo nos garantem, a linda Rosinha é já, ou está prestes a ser, sua espôsa!

Sabemos ainda que um negro de Moçambique, mal o deixaram no sertão de onde o tinham tirado, abandonou todos os seus, veio viver para a cidade e procura, por tôdas as formas, amealhar dinheiro para voltar para o Pôrto e no Pôrto fixar residência.

O elegante e jóvem principe Astruja — aquêle que pompeava, cheio de prosápia, pelas alas do Parque, todo trajado de branco, indiferente à admiração dos visitantes e desprezando, altivo os outros negros que não ousavam fitá-lo — no regresso à sua terra (afirma o dr. Xavier Seabra, médico colonial que o conhece há muitos anos) exibiu, a alguns amigos brancos, várias recordações com que certas damas europeias o presentearam, às escondidas, e que êle discretamente ocultou de todos, enquanto esteve em Portugal. Entre essas recordações estão alguns retratos femininos — sendo um dêles de uma senhora estrangeira e outro de uma lisboeta.

Um amigo de Osono Machado que

atravessou, há pouco, certa zona interior de Angola, passando por uma aldeola — estranhou ao ver, no interior de certas cubatas, espelhos, postais, oleografias, bugigangas decorativas — e até, a um canto, uma magnífica «Gilette», um pincel e um tubo de sabão, como na sala de banho de qualquer «dandy». Investigou e soube então que aquela gente estivera na Exposição.

Um gramofone e um pijama em pleno sertão

O que nos resolveu a reünir estas notas sôltas num artigo — foi uma carta que o sr. Campos Rosado, engenheiro que reside agora em Cabo Verde — dirigiu ao nosso comum amigo, o tenente José Cabral e que êste teve a gentileza de nos ceder:

«Tive, há pouco, ocasião de visitar os indígenas que estiveram no Pôrto. Demorei-me — curioso por ver o que êles ascenderam, em importância, ante os outros negros, os que ficaram. São tratados quási... como gente branca. Tem havido sérias escaramuças entre os muleques por causa dos automóveis-brinquedos que alguns trouxeram de Portugal e que foram oferecidos aos negritos por um expositor. Um pretalhão, pai de um dos muleques... «automobilistas», contou-nos, com o ar de um europeu que descreve as selvajarias de um antropófago — que, quando o filho e os seus companheiros exibiram, pela primeira vez, os carros, metendo-se neles e pedalando — os outros fugiram, apavorados, berrando que havia ali «espíritos maus»!

«Mas calcula tu a minha surprêsa, quando começo a ouvir, embora fanhosamente, as coplas da revista «Pernas ao léu»...

«Olha o balão...
«Não te ponhas a subir...»

«Olhei em volta, intrigado. O mesmo pretalhão, rindo do meu pasmo, conduziu-me a uma cubata onde estava funcionando um gramofone portátil... E quem julgas tu que estava colocando os discos e dando corda? A que apodaram, no Pôrto, de «Clara Bow» negra, a rival da Rosinha, uma pretinha de dezasseis anos, tão escultural e bela como a outra. Ao ver-me, mostrou-me, num sorriso civilizadamente coquete, os seus branquíssimos e formosos dentes — e preguntou-me: «... Conhece? Gosta? Ou quere o... «Ó Pôrto! ó Pôrto! meu coração...». Sabia tôdas as canções revisteiras de cór. Mas há mais: a pretinha estava vestida como qualquer dama, ao levantar-se do leito — com uma espécie de pijama branco. Indaguei quem lho oferecêra: «— O mesmo sior que deu o grafone!». «— E quem foi que te deu o... grafone?» — insisti.... «— Foi um sior do Pôrto!». Segredos de estilo nitidamente... parisienses!

«O mais gracioso é que tôda a tribu aprendeu, graças ao fonógrafo, aqueles «couplets» e a tôda a hora organizam verdadeiros orfeões... ensurdecedores, em que os versos sofrem tratos de polé!

«O meu informador disse-me que a primeira vez que o gramofone trabalhou — se estabeleceu um verdadeiro pânico na tribu, fugindo alguns; outros sondando o aparelho, levantando-o, querendo abri-lo — convencidos de que ocultava algum anão-cantor. Um velho enfureceu-se, jurou que ali havia bruxedos e se não lho tiram das mãos — espatifava-o.

«Preguntei se tinham gostado de Portugal... Coçou a carapinha, sorriu-se e confessou: «— Se nos deixassem, ficávamos lá sempre! A gente já não gosta desta terra!»

E depois — num súbito interêsse — inquiriu:

«— Quando há outra vez exposição?

«Por esta pregunta se podem medir as impressões que êles trouxeram do Pôrto.

... ...

"Corinto y Oro" em Lisboa

O que é e o que ganha o jornalista tauromáquico em Espanha, e todos os «especializados» em vários países

Revelações sôbre os bastidores da imprensa mundial

O célebre crítico tauromáquico Corinto y Oro, um dos jornalistas espanhois, de especialidade, que mais ganham

A visita do jornalista tauromáquico espanhol, «Corinto y Oro», a Portugal e, sobretudo, a conferência, admiràvelmente literária, que realizou no Ginásio — deve ter surpreendido muita gente. É que a maioria dos portugueses tem a impresão de que os jornalistas, em geral, e os «especialistas», em particular — sejam críticos de teatro ou de touros; informadores da «secção médica» ou da «secção marítima»—são apenas uns valdevinos, fracassados em outras profissões, sem lustre nem valor, que se infiltram nas gasetas ou para acrescentar a um sôldo burocrático mais umas miseras moedas; ou até, trabalhando de graça, se ufanarem de pertencerem à fauna e usurparem, a trôco de umas «larachas», uma ilusão de glória, umas entradas grátis nas casas de espectáculos, um «coupe-fil» — ou seja uma «carteira de repórter» que lhes permita ver de perto os grandes acontecimentos e os «fenómenos» da política, da arte, da ciência... O próprio Eça de Queiroz, que, na sua época, recebia algo equivalente hoje a mil escudos, por cada artigo que publicava num diário brasileiro — e que não ignorava que Pinheiro Chagas rebatia a sua prosa, na Imprensa, com um lucro mensal superior ao de qualquer ministro — considerava, nas caricaturas coceguentas dos seus romances, os jornalistas ou como os «Palma Cavalão», ou como pavões sem talento, que apenas cubiçavam o título, a influência, a entrada franca nos camarins...

...Essa calúnia torna-se hoje mais inverosímil ainda — quando Henry Beraud recebe aos 500.000 francos por uma série de artigos sôbre a Rússia — pagos por um «trust» americano de 200 diários e 150 revistas; quando cada um dos três directores do «Times» ganha 200 libras por mês (algo como trinta e tal contos); quando o chefe de redacção do mais pelintra dos semanários londrinos — «The People» — um tal Mr. Mac Holder (deve ser irlandês) — está tarifado em 112 libras mensais — confessado por êle, num artigo de 9 último — como prova de que os jornalistas ingleses são pior remunerados do que os americanos!!!; quando Luiz Oteyza — ex-director da «Libertad», de Madrid, recebia 5.000 pesetas de ordenado; quando — até em Portugal! — existem directores contratados a 6 e 7 contos; chefes de redacção a 5 e 6 contos; quando o sr. dr. Júlio Dantas recebe, de «La Nacion» (ou de «La Prensa», de Buenos Aires — não estou certo) o representativo de 6.000 escudos, por quatro crónicas mensais!

Mas a opinião actual já vai transigindo com os profissionais de imprensa — e crê que o *jornalista para todo o serviço* — chegue a lucrar, pela sua esfalfante faina, ordenados quantiosos. Mas ainda não crê no «jornalista especializado»; ou antes: no indivíduo que, pelos seus estudos ou pela sua vocação, se dedica exclusivamente a um género de jornalismo, vivendo assim do seu trabalho. Para melhor nos fazermos compreender — o público não aceita que haja um engenheiro, um comediógrafo, um médico, um economista que, em vez de se profissionalizar em construir pontes, em escrever peças, em formular diagnósticos, ou em aplicar a sua técnica e a sua ciência ao ensino, do alto de uma cátedra — escrevinhem para as gasetas, informando, criticando, divulgando, comentando todos os assuntos dessa sua especialidade — e vivendo apenas dessa missão.

De facto o nosso público está pouco habituado ao «jornalismo profissional especializado». Um jornalista, português tem de ser genérico, enciclopédico, uma espécie de *Larrousse* de tinta permanente que se *acrescentasse* a si próprio todos os dias. Quantas vezes nos vimos nós no arame trágico e acrobático de ter de comentar ou de criticar uma obra arquitectónica, um caso de cirurgia, um problema, algèbricamentec omplexo, de engenharia, ou uma exposição de «últimos modelos»!

Todos os grandes rotativos dispõem, além do seu elenco de jornalistas genéricos — os «especialistas» de todos os assuntos que podem interessar o comentário, «especialistas» que, pela sua ciência estão tão aptos a discutir, a desmantelar ou a elogiar uma obra, como os maiores «ases» do género. E não julguem que êsses «especialistas» se limitam a escrever sôbre a sua especialidade — como quem traça relatórios ou escreve a um colega. Exigem-lhes condições literárias e técnicas de jornalismo — como se os reservassem apenas ao «fundo» ou à «reportagem» dos «fait-divers» ou a qualquer polémica. George Watson, o chefe da secção «militar» do «Daily Graphic» na guerra é classificado não só um dos melhores estratégicos modernos — mas, sobretudo, como um dos jornalistas mais brilhantes da imprensa britânica, quer pelo fulgor do seu estilo, como pelo seu senso crítico e pela sua astúcia de repórter. Conta-se que o marechal Haig, após uma longa reünião do Estado-Maior, no momento grave da Grande Guerra—sussurrou para o general Rossel: «Lastimo que não se saiba já o que George Watson irá escrever depois da nossa ofensiva. Se êle, em vez de jornalista fôsse meu colaborador — não hesitava em seguir os seus conselhos; e se as minhas decisões derem mau resultado — tremo ao calcular o que será a sua crítica!»

A nossa vizinha Espanha teve um correspondente de guerra nos Balcans, quando tôda a península rompeu contra o imperialismo turco, em 1912 ou 1913 — o grande repórter-militar Cristiano Fabra, fundador da agência informativa «Fabra» — que viajava com três secretários, dois criados, numa caravana com vários carros e oito bestas de carga.

«New York Herald» tem quarenta e cinco «redactores especialistas», para várias secções — além do seu exército de cronistas, redactores, repórteres, informadores, fotógrafos, caricaturistas, etc. Quem tenha entrado na redacção do «Temps»—no «square du Temps», em Poissoniére — em Paris, que o autor dêste artigo freqüentou assiduamente, verá que um só andar é dedicado ao redactores de política estran-

(Continua na página 15)

Dois jornalistas especialistas afortunados: Em cima o general Davies, da secção de escandalos de *John Bull*, de Londres. Em baixo «La Dama Duende», cronista mundana de *Caras y Caretas*, de Buenos Ayres

O que está p… detraz das últimas grandes burlas?

Do Angola & Me… rópole ao escândalo Stavisky

A mesma sombra se projecta em todos os países..

As notas falsas do príncipe hungaro.—O craque misterioso do «Rei dos Fosforos.— As andanças do banqueiro Insull—Os «suicidios» suspeitos e os policias escrocs.—

O jóvem jornalista francês Gaspar-Salvy, repórter de um semanário, ultra-barulhento e sensacionalista, de Paris, o primeiro que badalou o alarme contra as escandaleiras inverosímeis do bando Stavisky, franco-atirador de bela pontaria contra todos os maquiavelismos financeiro-políticos dos últimos tempos — e que ajudou, oxigenando com irrespondíveis e imprevistas revelações, as campanhas do *Gringoire* e da *Marianne* contra Bonny — escreve, com data de 18 do corrente, um artigo empolgante e grave que encharca de novas luzes a montanha de trevas que oculta tantos mistérios, tantas ignominias, tantos dramas... Êste artigo despertou-nos, sobretudo por dois motivos. Primeiro — porque fazendo desfilar, numa série de recordações e de coïncidências, várias burlas gigantescas recentes e de eco mundial — o articulista refere-se a Portugal — ou antes, à imensa e complexa—(e jámais esclarecida em absoluto) do «Angola & Metrópole»; segundo porque as suas referências e as suas insinuações caminham paralelamente com o que, por espontânea gestação espiritual, há muito pensamos.

O que está por detrás do último escândalo da França?

Cada vez que repassamos pelo labirintico subterrâneo, já desvendado, da organização de Stavisky (minúsculas descobertas em contraste com o que ignoramos, com o que, talvez, nunca se chegue a conhecer!); cada vez que meditamos na formidável máquina que o bando construiu e que pensamos no poderio das *outras* que continuam a funcionar, escondidas, não se sabe onde, manobradas não se sabe por quem—mais se nos enraïza o convencimento de que, por muito inteligente, forte, fantasioso que fôsse êsse aventureiro ou qualquer dos seus inúmeros cúmplices, nenhum dêles estava à medida para germinar e realizar essa obra formidável. Mas mesmo que se desse por verdade que tinham sido êles que gizaram e puseram em prática todo o plano — não dispunham, sobretudo no inicio da batalha, do poderio, dos recursos necessários para se lançarem nessa obra.

«Não! Por detrás de todos os aventureiros, deputados venais, banqueiros sem escrúpulos, autoridades corruptas que estão entrincheiradas nos pontos estratégicos na burla, defendendo-se mutuamente e dividindo entre êles o produto da escroquerie — existe não um homem de inteligência sobrenatural, inverosímil, de uma energia de dinamo, de um maquiavelismo diabólico, mas sim uma organização de muitos homens, galvanisados e protegidos por uma fôrça que escapa à nossa fantasia — e que nunca poderá ser — não é, estamos certos! — a de uma quadrilha de bandidos apenas bandidos. Dir-se-ia que existe um estado, *um estado tão forte, tão bem mecanisado*, com tradições históricas a vertebrar em aço as suas tôrres gigantescas e a fanatisar os seus chefes — um estado qualquer, estado poderoso de uma monarquia absoluta, muito antiga e aguerrida; ou como uma nova Veneza... De facto a República dos Doges, nas intrigas para dilatar os seus domínios, na velhacaria com que enfraquecia os estados rivais — não pode deixar de ser recordada — quando analisamos o caso Stavisky...

Recordando certas declarações de Hennies

Não julguem, porém, que só agora, ao ler o artigo de Salvy, dêmos com certos pontos de contacto com o Angola & Metrópole — pontos de contacto no segrêdo do seu inicio, na fôrça estranha e exterior que o tornou possível, que o acompanhou depois, durante algum tempo, como uma sombra amparadora, e que o abandonou, de súbito, quando era perigoso continuar, porque se arriscava a revelar-se... Não! E não é só nestas duas burlas, nestes dois escândalos que farejamos o mesmo mistério...

Na burla de Budapest tambem havia um Hennies

Em 1930 fomos a Vigo surpreender o *inencontrável* Hennies (o Hennies cabeça de turco, o Hennies a quem se atribuiu tôda a pilotagem subterrânea do caso das notas de 500 escudos; o Hennies que a policia de cinco países procurava, em vão, mas que o gerente do nosso hotel, em Haia (o «Central-Hotel» onde tantas informações obtive), sabia, em 1926, que vivia em Constantinopla, no Pera-Palace; o Hennies que, em suma, conseguimos entrevistar, quando embarcava para a América do Sul. Dessa entrevista ficou a vibrar no nosso espírito, como um punhal que se crava e que se queda, longo tempo, trémulo e zumbidor — êste período:

«— Prenderem-me a mim, condenarem-me? Porquê? A minha intervenção nêsse *negócio* não tem uma única porta falsa, um único detalhe inconfessável que me possa comprometer ou apresentar-me como deshonesto. Se houve deshonestidade ela partiu de muito alto, de tão alto que nenhuma suspeita ainda a atingiu...»

E como tentássemos obrigá-lo a ser mais claro — acrescentou:

«— Não, não pense que me refiro a qualquer dos seus compatriotas acusados pelos boatos ou pela maledicência! Não! O ponto donde tudo partiu está a alguns milhares de quilómetros de distância de Portugal — e os individuos que, imprudentemente, insinuei — fornam — como direi? — um globo, um planeta dentro do planeta...»

E esforçando-se por ser humorista, casquinhou uma risada, que soava a falso — e murmurou:

«— Pense que os verdadeiros responsáveis do Angola & Metrópole vivem no Júpiter... ou se não quer sair da Terra — que tudo foi obra do Estado chinês!».

Como vêem, Hennies, a uma distância de quatro anos — pensava como... Gaspard-Salvy.

Krugger, o «Rei dos Fósforos»; Insull & Co.

Podiamos, se quiséssemos, arreginentar aqui uns dez casos, aparentados pela complexidade dos seus segredos, pelo gigantismo dos seus escândalos e desentranhar de cada um dêles os indícios suficientes da existência da *mesma fôrça oculta, organizadora da manobra e sua defensora.*

Recordam-se da tragédia de «Krügger» — o arqui-milionário sueco, cuja fortuna tinha origens semelhantes à que Stavisky estava amealhando; o famoso «Rei dos Fósforos» que deu assunto, durante meses, a todos os jornais do mundo? Ora, um dos aspectos mais intrigantes desta série de mistérios está em que êles, à medida que se amiudam — parecem-se copiar melhor em certos detalhes—e nos mais berrantes. Assim, por exemplo, a burla e o escandalo de Krügger, ao longo da qual perpassa a mesma sombra, combinando os golpes, facilitando-os — termina pelo suicidio do «Rei dos Fósforos» — do «homem-eixo aparente» da formidável escróquerie. Meses depois estrondeia o escandalo de Bayona — e Stavisky, «o homem-eixo-aparente» suicida-se... e como no caso de Krügger— surgem indicios fortes de que Stavisky não se suicidou mas foi assassinado por certos policias, comprometidos, ligados à «fôrça exterior», à sombra, e encarregados de o fazer calar para sempre. Descobre-se a cumplicidade de Bonny, o policia-«escroc» — e Bonny apesar de tudo é liberto graças a inexplicáveis influências. Tal como no caso do «Rei dos Fósforos»... Nêste também foi denunciado certo inspector da policia sueca e outro da policia alemã como matadores de Krügger — dando à sua morte o aspecto dum suicidio!

Mas recuando quási dez anos. Estoira em Portugal o escandalo Angola & Metropole; e meses depois, em Budapeste, Hungria — estala o escandalo do princípe Tsawesny, director dum Banco fundado com notas emitidas pelo mesmo sistema das de 500 escudos, quási na mesma ocasião (ou seja quando ninguem suspeitava de Alves dos Reis, não podendo ser, portanto, uma imitação); tendo uma maquinaria idêntica e sendo rematada por idêntica forma. Neste «affaire» também surge um «Hennies» que a Policia nunca prende — que continúa impune.

E agora — citando ao acaso: o craque Insull — não é gémeo ao craque Brodwesky, em Varsóvia? Não tem as mesmas caracteristicas? Não gera, à sua volta, a mesma sombra? E... quantos outros...

Quem é esse Maquiavel? Um só homem? Não creio! Será... será o que os leitores estão pensando agora, o que nós pensamos há muito, mas que é cedo ainda para nos arriscarmos a dizê-lo... Aguardemos mais alguns craques, mais algumas falsificações e escandalos e... suicidios. Depois — falaremos!

R. X.

Enquanto os cúmplices eram presos, o misterioso personagem esfumava-se...

Reportagens dos leitores...

(Selecção das revelações que o correio nos trouxe durante a semana)

Os «homens-mulheres» e... vice-versa. — Uma exumação trágica e as certidões d'óbito. — Uma cilada aos tenórios. — O gastrónomo de Santa Agueda que se alimenta de gatos, cães, ratos e outros bichos! — Uma casa misteriosa. — O sr. Castro que colou dois vigéssimos à porta. — O teatro... e os almanaques.

Um casal em «travesti»

Sr. Director do «X» — Vivo perto de S. Sebastião da Pedreira e costumo tomar o «eléctrico» na Avenida António Augusto de Aguiar. Existe, no caminho que sigo, uma mercearia onde, às vezes, compro fósforos e cujo proprietário me pareceu sempre muito estranho. O rosto pelado, sem vestígio de barba, busto desenvolvido, as curvas exageradas, os modos e a voz — tudo nêle recorda uma mulher em «travesti»... Há dias, ao entrar no loja, vi-o acompanhado de uma mulher — tão estravagante como êle mas por motivos opostos: dir-se-ia um marmanjão de saias, alta, sêca, de peito chato, voz de barítono e uma penugem negra mal oculta pelo lenço. O merceeiro apresentou-ma como... espôsa. Que estava na terra — e que viera passar o Natal com êle. Ontem — fui surpreendê-los, numa acesa discussão, afogueados, ofegantes — à volta de um «Diário de Lisboa».

Ao verem-me, calaram-se, atrapalhados e procurando ocultar o jornal. Tive tempo de ver a página sôbre a qual discutiam. Era a 7.ª... Cá fora passei revista ao meu «Diário» e dei com um dos artigos que se referia ao caso do «Homem-Mulher» da Penitenciária — o que mais me veio fortalecer a crença de que aquêle casal anda trajado... ao contrário. Que capricho ou que segrêdo os levou a esta mascarada? O senhor, que decifrou o enigma da «Rita ou Rito», tem ali assunto. Pelas indicações topográficas que dou — fácil é descobrir a mercearia.

Lisboa, 21-12-934.

João Moutinho

A honra... industrializada

Sr. «Reporter X» — Desde que a Justiça se tornou particularmente severa nas indemnizações às moças de menor idade que sejam enganadas pelos tenórios — amiudaram-se, ao contrário do que se podia prever — êsses «enganos», essas «vítimas» e êsses «algozes» do amor. Qual o motivo dêsse paradoxo? Creio que se trata de uma nova e rendosa indústria — explorada por pais ou tutores sem escrúpulos.

Tenho filhas — e julgo que êsses conquistadores que sentem o prazer de manchar a honra de pobres pequenas, apenas por vaidade e gabarolice — necessitavam uma repressão valente. Mas também tenho filhos — e êstes encontram-se igualmente ameaçados com o perigo de cairem numa dessas ciladas — porque algumas são verdadeiras ciladas. Tive um vizinho com três filhas — e tôdas as três, com intervalos curtos, foram «vítimas» da burla dos namorados, recebendo duas delas quarenta contos cada — e se o enganador da terceira se livrou do castigo imposto aos outros, não pagando a tarifa — foi porque, ao contrário do que o pai supunha, o rapaz era pobre — e foi obrigado a bater com os ossos na cadeia. Êsse meu vizinho era de uma tal tolerância para com os namoros das filhas — que parecia provocar a... «fatalidade» de que depois, como tartufo que é, se lamentava na polícia.

Mas o melhor, é o seguinte caso: Na terra de minha mulher conheci uma moça cujo pai se queixou ao juiz de que certo comerciante a enganara. Lá se entenderam — e o nobre pai sossegou, depois de cobrar uns doze contos. Um ano depois, indo a Lisboa, soube que a mesma rapariga e o mesmo papá, tinham ido especialmente à capital repetir a farsa — e que andavam em demanda com o filho de um industrial — exigindo-lhe 40.000 escudos... Eis um caso que o seu jornal devia tratar, por miúdos.

Pôrto, 23-12-934.

Luciano Gouveia

Eu punha demasiadas vezes pó de arroz e...

perdi o meu noivo

A minha pele estando manchada, brilhante e grosseira, um especialista disse-me que eu a tinha estragado pondo constantemente pó de arroz. Aprendi então que o segredo para conservar uma tez fresca e encantadora era só pôr pó uma vez por dia. Mas entretanto o meu noivo, aborrecido, deixou-me. Agora, seja qual fôr o tempo, eu constato que o pó Tokalon segura-se quatro vezes mais tempo que o pó d'arroz vulgar. Suprime egualmente os poros dilatados e o aspecto brilhante. Pessoalmente, a minha pele é gordurosa, mas eu acho que o pó Tokalon com «mousse de creme» produz um efeito mate e aveludado tão atraente como o obtido pelas mulheres cuja pele é sêca ou normal. É maravilhoso poder contar, com toda certeza, sôbre uma tez encantadora, de dia e de noite, sem ter que pôr novamente pó de arroz.

Á venda nos bons estabelecimentos. Não encontrando, dirija-se á Agencia Tokalon (Secção X). 88 — Rua d'Assunção — LISBOA, que atende na volta do correio.

Um gastrónomo pouco vulgar

Sr. Redactor do «X» — O seu jornal, que colecciona tipos raros, tem aqui, na minha modesta vilória, a uma hora de Beja, uma figura digna de registo — e que numa barraca do Luna Parque ou do Parque Mayer daria boas receitas — se os lisboetas têm o estômago forte e resistem a espectáculos agonientos, sem sofrerem vómitos. Chama-se António André, é exposto, alcunhado pelo apôdo do «Cá-canta» e é pedreiro. Deve andar pelos quarenta anos — e desde novo que se celebrizou pelo seu insaciável apetite. Casou, tem uma ranchada de filhos, o trabalho rareia, e quando trabalha não lhe chega o que ganha para tamanha família — tôda ela... devoradora. E, contudo, andam todos gordos e anafados. Sabe porquê? Porque o «Cá-Canta» nas horas vagas anda à caça não só de gatos e de cães — mas de outros animais, os menos indicados para a culinária — e os mais repugnantes — e com êles prepara lautos banquetes, dispensando o peixe, a vaca, o carneiro e gastando apenas nos temperos. Não só habituou a mulher a êste regime — como o impôs aos filhos, que são doidos por estes guizados. Se não enumero todos os bichos que êle aproveita — é para não agoniar os seus leitores. Pode crer na autenticidade dêste fenómeno.

Santa Águeda (Midões), 20-12-934.

Fernando de Sá Cabral
(Tenente reformado)

Os enterrados vivos

Sr. Redactor do «X» — Outro dia, na exumação que todos os cinco anos se faz às ossadas do nosso cemitério — encontraram-se, não um... mas *dois* esqueletos, por tal forma contorcionados, que não foi difícil adivinhar que se tratava de um horrível e duplo caso de «enterrados-vivos» — que voltaram a si já debaixo da terra sofrendo, durante segundos, a mais pavorosa das agonias. É pasmoso que no século XX sejam ainda possíveis — e, infelizmente, freqüentes — êstes horrores. Uma das causas é a forma como, na maioria dos casos, os médicos passam a certidão de óbito — còmodamente em casa,

(*Continua na pág. 14*)

Um desafio sangrento

Um escandalo desportivo internacional

Os médicos, massagistas e enfermeiros não tiveram mãos a medir...

Cada jogador italiano que foi ao encontro de Londres ganharia 600 libras, em caso de vitoria — Revelações sensacionais dum jornal inglês

PARA o «X», todos os jornais, qualquer que seja a sua especialização, «são jornais» desde que,... o *sejam*, de facto, profissional e honradamente! Mas — já se vê — não nos é possivel marginar a imprensa que se dedica, por exemplo, aos desportos, com o mesmo galope de curiosidade que dedicamos, por mil afinidades, à que cuida de letras, de artes, de sociologia... Se preambulamos assim êste artigo — é porque pretendemos explicar que o «X», jornal sem secção desportiva, foca hoje um escândalo dessa especialidade — julgando-o inédito no jornalismo desportivo. Se erra — a causa do seu êrro já ficou explicada.

A razão que nos levou a acolher o assunto — vem, além do diâmetro sensacionalissimo do seu éco, da sua internacionalização — e ainda do seu sabor — como diremos? — de «bas-fond» diplomático...

Nesta «middle-season» internacional — a Inglaterra foi picada pelos «internacionais» de vários países — para desafios de «foot-ball». Na impossibilidade de atender a todos — hesitou na selecção — quando a diplomacia italiana — mas «a verdadeira», a das *legações*, se agitou, azougadamente, até conseguir que a selecção de Itália fôsse jogar à Gran-Bretanha. Êsse desafio — afirma o «John Bull» de Londres, recem-chegado a Lisboa (e não é um órgão desportista) ficou memorável pela violência, pela cegueira, pela fúria e desprêzo por tôdas as convenções de jôgo, do «onze» italiano. «Não foi um desafio de «foot-ball» — comentou um critico. — Foi uma batalha; uma provocação ao «corps-à-corps» como entre dois exércitos; um «corps-à-corps» a que os ingleses não responderam — porque só queriam *jogar* — atitude que, através de tudo, mantiveram até final».

«John Bull» publica várias fotos dos «foot-ballistas» ingleses em tratamento nos postos de socorros. Desde a cabeça transformada em melancia donde já se tirou uma talhada — até à fractura de pernas e de braços — de tudo houve nesse discutidissimo encontro.

«Nunca — desde que se internacionalizou o jôgo — assegura outro critico — se realizou um desafio com tal brutalidade — brutalidade praticada apenas pelos italianos».

Qual o segrêdo dessa anomalia — aliás tão pouco latina? A imprensa britânica — primeiro, em titubeios delicados; depois, mais desassombradamente — decifrou o enigma.

«É tal a ânsia de Mussolini de se impor e de impor ao mundo o seu mecanismo politico — que, por vezes, desce do seu próprio nivel. A selecção de internacionais que veio jogar a Inglaterra teve, além de uma preparação técnica — uma longa preparação moral — de péssima moral desportiva, visto que apenas a intoxicaram com o fanatismo da vitória.» — E para o provar, a revista inglesa a que nos referimos, retalha do discurso que o «Duce» pronunciou ao «onze», antes da tal *preparação* — o seguinte trecho: «— É preciso que a Itália ganhe — no «foot-ball», como em tudo — e custe o que custar!»

Mas o verdadeiro escândalo dêste desafio não consiste apenas nas violências praticadas, nem no platonismo das palavras de Mussolini. Há um detalhe mais grave — detalhe que está ribombando pela imprensa mundial — mas beando pela imprensa mundial — mas que é ignorado no nosso país. É ainda «John Bull», quem o revela:

«Dizia-se que o govêrno italiano pagava 16 libras (1.800 escudos, aproximadamente) a cada jogador, além do resto, para vir jogar em Inglaterra. Mas não! Provas existem que garantem que cada jogador estava engodado com o prémio de *600 libras* (quási setenta contos!), caso o «team» triunfasse — sa ante estes expedientes que levaram ou pelo menos, empatasse. E a «Federation» pode responder a quem duvidar desta afirmativa!»

* * *

Por muito pouco entusiastas que sejamos do «foot-ball» — não nos podemos esquivar a uma sensação de repulsa ante estes expedientes que levaram os jogadores italianos à prática de tôdas as incorrecções; e, sobretudo, à tentativa de «mescla» do «sport» com... o resto.

Nem o juiz de linha escapou...

Uma grande iniciativa

Colecção-Amanhã

«Dez novelas Dez novelistas»

Julião Quintinha

MIGUEL-CRUZ preenche galhardamente uma lacuna, lançando a «Colecção Amanhã». O publico exige uma leitura ritmada pela dinamica da vida moderna — rápida, variada em estilos, emintenções, em escolas. Inspirada talvez em «Les Oeuvres Livres» — a «Colecção Amanhã», cujo primeiro volume reune dez novelas e dez autores — oferece a vantagem sôbre aquela de mudar de numero para numero, o género de literatura. Ás novelas seguir-se-ão reportagens, biografias romanceadas, humorismo, peças, teatro, etc.—sempre chanceladas por dez nomes, dos mais prestigiosos dessas especialidades literarias. As dez novelas agora publicadas são uma prova brilhante do critério e da técnica do seleccionador. Escrevem-nas José R. Migueis, Augusto Ricardo Hugo Rocha, Artur Inez, Fausto Duarte, Augusto Pinto, Guedes Amorim, Julião Quintinha, Humberi e Artur Portela. Dificil holofotear, com um destaque, qualquer destes novelistas — tão saborosa impressão de encantamento ou de emoção, todos nos deixaram. Contudo não podemos deixar de apontar «Um crime politico», de Julião Quintinha, «Três Cartas» de Artur Inez, «Fatal Segrêdo» do nosso redactor Humberi e o «Crime» de Fausto Duarte.

Este numero foi visado pela comissão de censura de Lisboa

Um comboio assaltado pelas serpentes

(Narrativa de George Adam, sargento inglês, em «The Wide Word» de Londres)

GEORGE Adam, sargento do Exército inglês, narra o seguinte caso nas suas memórias, que «The Wide-World» está publicando.

Era então simples praça dos Royal Scots quando o retiraram dos campos de batalha de França e da Bélgica, enviando-o, integrado num destacamento de 50 homens experimentados, para terras de África, a juntar-se à coluna do general Smuths que ali perseguia os alemãis e as suas tropas indígenas de Askaris.

Da base de Mombasa largou aquêle destacamento com destino desconhecido. Os transportes, porém, eram um grave problema naquele vasto território. Os vagões em miniatura estavam cobertos com mosquiteiros e só tinham lotação para quatro pessoas. Quanto a bancos haviam sido utilizados pelos primeiros passageiros, porquanto todos os viajantes tinham que se apear de vez em quando, com o fim de apanhar lenha para alimentar a locomotiva.

Adam seguia no último vagão, apenas acompanhado pelo seu camarada Berher, homem moreno e taciturno que fôra gravemente ferido em Ipres e que temia a África, apostrofando os poderes que para lá o tinham mandado. Fôra maquinista na vida civil, mas alistaram-no em infantaria, sendo forçado a acompanhar aquele destacamento. Os seus nervos tornavam-no pensativo e amargo e olhava com desconfiança não só a locomotiva como o próprio combustivel. Odiava Smoky, o negro maquinista do combóio, indivíduo gordurento que se especializara em mascar tabaco «boer» e em deixar acabar a lenha na fornalha da máquina. Referindo-se a êle, Berher, disse: «— Êsse estupor do negro ainda nos deixa encravados no meio dêstes pântanos...».

O calor era insuportável, especialmente quando o combóio parava para se apanhar lenha. Essas paragens eram abomináveis para todos, porque eram obrigados a largar os mosquiteiros e embrenharem-se pelas florestas. Conservavam, contudo, por precaução, acesos os fogos para afugentar os macacos e as feras. Berher, sempre alertado, sentava-se a um canto do varão — porque se recusara a apanhar lenha — com a espingarda ao alcance da mão pronta a fazer fogo e vigiando o mato.

E, certa manhã, Berher, mal abaláramos, levantou-se e olhou para fora do vagão. Os seus olhos dilataram-se de terror, espavoridos, parecendo saltarem-lhe das órbitras — e pôs-se a gritar como um louco, alarmando todo o combóio. Sucedia que estávamos numa espécie de clareira com um banco de areia à direita e êsse banco estava totalmente replecto de serpentes.

Um estranho combate numa floresta de África

As serpentes eram de todos os tamanhos e côres, virando-se, enrolando-se, lutando, silvando, torcendo-se, saltando, deslisando. O sol reflectia-se nas suas escamas, rebrilhantes. Havia-as grandes e pequenas, monstruosas e graciosas, grossas e curtas, compridas e sinuosas, de cabeças horríveis e movimentos sacudidos...

Ouviu-se um tiro, outro, e outro... Num segundo todos haviam disparado para a informe massa em movimento. Aqui e além uma das maiores batia o solo e enrolava-se nas mais pequenas... E o combóio a aproximar-se delas, daquele mar repelente de repelentes réptis...

Berher gritava. Agachou-se para evitar ver as serpentes. Quando o combóio estacou, os seus gritos redobraram.

Smoky, o maquinista negro, nada podia fazer. As rodas da máquina, avançando, tinham morto já tão grande número de serpentes, que uma massa viscosa aderia aos carris, impedindo o avanço das rodas, que circulavam em vão. A luta travava-se agora à coronhada, esmagando as cabeças dos ofídios que surdiam aos lados dos vagões. As serpentes pequenas deslisavam sob os vagões, entre as rodas. Outras, negras, algumas com doze pés de comprido, davam a volta à máquina ou à cauda do combóio, evitando subir; mas as outras, as coloridas, de seis a oito pés, subiam, levantavam as cabeças acima dos estrados, espreitando os passageiros com fixidez feroz.

Adam, sem poder contar com Berher para a luta, não tinha ninguém a ajudá-lo. Aquele por duas vezes tivera coragem para olhar, olhar apenas, a monstruosa onda — e depois deixara-se cair para o chão do vagão, tremendo e gemendo de mêdo. Repentinamente uma serpente verde, esguia, surgiu não se sabe de onde, passando entre ambos, como se fôsse disparada. Uma bala de Adam acertou-lhe, de lado, arrojando-a para dentro do vagão. Era um perigo. E sem perder o sangue-frio, Adam esmagou-lhe a cabeça com o tacão da bota, mas o corpo do terrível ofídio, nas vascas da agonia, deu uma terrível chicotada na cara de Berher. Os berros que o pobre homem soltou então, eram de loucura furiosa. Mesmo depois de George ter arremessado o corpo do réptil para fora do combóio, Berher, dementado pelo terror, agarrou-se-lhe frenèticamente às pernas, quási o derrubando — e isso na altura em que mais duas cabeças sinistras apareciam na parte da frente do vagão.

O que se passou depois é de difícil descrição. A maior das duas monstruosas cobras ameaçava tolher Adam, que, com as pernas presas por Berher, mal podia defender-se. No entanto, conseguindo livrar-se do abraço do companheiro, George logrou matar os dois animais. Foi uma felicidade Berher cair para o lado, inânime. Mas agora outro perigo surgia: — o cheiro nauseabundo emanado dos réptis mortos.

Depois, o último réptil passou ante o combóio — e daquela gran-guinholesca cena, sòmente ficaram, por momentos largos, a atmosfera impossível e os corpos brilhantes das serpentes mortas, dentro dos vagões — a provar que não havia sido aquilo uma macabra alucinação.

E Berher, que voltara a si, de novo se agarrara a Adam, preso do mesmo terror, sendo necessário que dos outros vagões viessem alguns homens amarrá-lo de pés e mãos. O pobre rapaz estava absolutamente delirante com o susto das serpentes.

Montras de Livraria

Augusto Ricardo

«Motivos de Teatro»

NÃO é um livro de críticas de ensaios, de crónicas ou de reportagens — mas sim dum crítico, dum ensaísta, dum cronista, dum reporter — sobretudo dum escritor de processos sobrios, de forma brilhante, de profunda e especializada cultura — a quem o teatro apaixona e merece uma continua observação e um estudo constante. Compõe-se de cento e tantos capítulos, rápidos como fôlhas de «Block-Notes», por onde desfilam, variados, atraentes comentários, episódios, visões, anedoctas caricaturas, clarões de magnésio, revelações dos palcos, dos bastidores, das salas, das peças, dos autores, dos artistas dos críticos, ora fazendo sorrir, ora fazendo pensar

Lê-se como um livro de amenidades ligeiras—e contudo deixa-nos um admiravel pecúlio de conhecimentos e de ideias. O prologo do professor Araujo Pereira é digno da obra. A edição de Nunes de Carvalho é moderna e cuidada.

O «X» e o «Rei» de Andorra

Meia hora de palestra e de observação — Um impostor? Um justo? Uma victima da politica internacional? O que não se disse! — A mola real: o dinheiro! — Um monarca ::: visto por um plebeu :::

Por mais inverosimil que isto lhes pareça, a verdade é que o «hall» do Hotel Francfort, da rua de Santa Justa, é mais pequeno que o Estado livre de Andorra!

E ainda há dias, a meio duma destas lindas tardes de Dezembro, nós pudémos constatar, mais uma vez, a veracidade desta afirmação, quando ali fomos entrevistar Sua Magestade Boris de Skossireff, «Primeiro-Soberano» daquele Estado.

Interessante seria agora, para o leitor, a descrição pormenorizada das formalidades protocolares ante-recepção; e interessante seria, para nós também, esse assunto, que nos daria uma boa coluna de prosa e, possivelmente, a fama, mesmo, de «entendidos» em coisas régias...

Infelizmente, porém, no Francfort de Santa Justa desconhece-se a rigidez de tais principios. Temos, portanto, de passar sem eles — nós e o leitor.

Vamos, pois, aos factos — na sua simplicidade extrema.

O leitor conhece Andorra, pelo menos de ouvido — como nós a música de Wagner...

Pois Andorra — dizem os compêndios — é um minúsculo Estado encravado nos Pireneus orientais. E, como êle — simbolizando-o, como seu soberano — Boris de Skossireff encontra-se actualmente encravado, mas no Francfort de Santa Justa. Isto já o não dizem os compêndios — tardios como são sempre — mas dizêmo-lo nós, o que vale o mesmo.

— Poderemos ser recebidos pelo principe Boris?

O porteiro impertiga-se nos seus multiplos galões dourados, como se fôsse um autêntico oficial-camareiro-mor, e manda saber por um «oficial» seu subordinado «*se o hóspede do 53 pode atender um jornalista*». Isto, simplesmente!...

Cai-nos a alma aos pés!

Preguntáramos por Sua Magestade o «Primeiro-Soberano» de Andorra — e mandam-nos atender pelo «hóspede do 53»!...

Mas, enfim! Sabiamos lá se não haveria em tudo isto algum «segredo de Estado»...

Dois, três minutos... O tempo de o ascensor desaparecer e voltar.

— O principe pede o obséquio de esperar. Baixa já...

Aguardamos um pouco. E passado um quarto de hora preciso — pelo relógio do agaloado porteiro, que o nosso anda atrazado... — Boris de Skossireff, conde de Orange, duque de Andorra e ultimamente proclamado «Primeiro-Soberano» deste Estado, dava entrada no «hall».

Cumprimentos, e dizemos ao que vamos.

Sua Magestade, muito elegante no seu fato simples, sorridente e afável, conduz-nos então para uma sala, no primeiro andar do hotel.

Alto e magro, simpático, pequena barba e bigode a sombrearem-lhe o rosto claro, Boris de Skossireff é, de facto, no seu todo, pela expressão mesmo dos seus olhos claros, uma figura distinta, inconfundivel. Há, em Boris, algo de messiânico, de idealista e sonhador.

Conversa com elegância — todo êle muito elegante sempre, no seu fato muito simples, de bom talho. Na «boutonniére», uma roseta cinzenta, pequenina — a «Military Cross».

Diz-nos a sua história, a sua odisseia dos últimos meses — odisseia que o leitor já conhece através de outras reportagens.

Não o massaremos, pois, com ela.

Mas há certos pormenores que é necessário precisar — pois é por vezes dos pequenos pormenores que advêm os grandes casos...

E conta-nos, então: — Expulso de Espanha por lhe ter sido aplicada a «lei dos vadios e malfeitores», dirige-se Boris de Skossireff para Portalegre, no nosso Alentejo. Foram 25 quilómetros feitos a pé, em cinco horas apenas, e trazendo como séquito, um qualquer contrabandista... Em Espanha, tudo lhe tiraram: — o automóvel, os papeis, as malas e 10.000 pesetas em dinheiro...

— Mas então, como se tem havido V. Magestade?

— Minha mulher, que deixei em França, já me mandou algum dinheiro.

— E nem as roupas lhe deixaram?

— Nada! Até camisas tenho de comprar...

Olhamos. A camisa, moderna, dum tom escuro — está lavada, realmente.

— E como explica V. M. o caso da sua prisão em Espanha?

— Não sei bem. Possivelmente, em virtude de pressão nesse sentido feita por outra qualquer potência. Como deve saber, eu fui, durante 6 anos, primeiro-consul de Andorra e delegado dêste país á S. D. N. Mas pensava sempre na independência, *de facto*, da pátria que é a minha, embora tenha casualmente nascido em Wilna, na Rússia.

«Assim, com essa ideia sempre em mente, em 11 de Julho ultimo, estando então em Espanha, na região de Lérida, que confina com Andorra, proclamei a independência dêste país e, a mim mesmo, seu «Primeiro-Soberano». E foram 9 dias, até 20 dêsse mês, em que me foram prestadas ali todas as honras oficiais. Depois, sem mais nem menos — talvez até porque certos jornais americanos me davam como pretenso sucessor de D. Afonso Carlos, a figura máxima para os «tradicionalistas» espanhois — fui preso e conservado assim durante quatro meses, até me expulsarem do país. E a 27 de Novembro entrava em Portugal...

— E Andorra que diz a isso?

— Não sei; mas há-de de reconhecer, por certo, o meu espírito de sacrifício...

— O reino de V. Magestade é pequeno; não terá força, talvez, para pedir uma satisfação á Espanha, pela violência praticada contra o seu soberano...

— Sim, é pequeno; em todo o caso, sempre terá uns 10.000 habitantes...

Calamo-nos por momentos, calculando... 10.000 habitantes?! Apre! Qualquer coisa assim como... como a Moita! (O empresário Covões metia todos os subditos de Andorra no Coliseu, a assistirem ao «Fim do Mundo» — a 1850, por cabeça!... E quem sabe lá o que dali sairia!...).

— E agora?

— Agora, aguardo a resolução das autoridades portuguesas, e que minha mulher me mande mais dinheiro. Bem vê, quadra festiva...

Não queremos roubar, por mais tempo, Sua Magestade de Andorra aos seus afazeres. Despedimo-nos.

E pelo caminho, lembrando a sua figura, simpática e distinta, messiânica quási, recordámos também, instintivamente, certa frase célebre, que viemos parafraseando: — Se Boris não é rei de Andorra — então... mereceria sê-lo!...

ALEX

O Conde de Orange e Duque de Andorra

O novo-riquismo de um génio

V. Blasco Ibañez

«O Pápa do Mar»

ESTE romance foi dos ultimos que Blasco escreveu. Pertence, portanto, ao periodo em que, já milionário, dilatava a sua fortuna dedilhando, com mestria, os nervos e a sensibilidade dum único leitor: o americano. Encontrara o segredo desta mina de ouro, por rum acaso — com os «Cuatro ginetes». Já não é o prodigioso pintor de grandes quadros, o tetriteiro de almas da «Barraca» e de «Sangre y Arenas». Prefere as obras pomposas — escolhendo assuntos berrantes; algo de novo-riquismo, mui *Yankee* — sem perder nunca a garra de escritor e a pupila levantina que o tornou um mestre no descritivo. O «Pápa do Mar» que foca, como todos os romances deste periodo, um «grande assunto» (O «Cisma de Avinhão») — é dos mais vistosos, como *mise en scene* e riqueza de aparato e dos mais emocionantes pela *jonglerie* de técnica.

Tradução brilhante de Agostinho Fortes. — Edição esmerada da Livraria Peninsular.

Reportagens BABY

De Teatro e Cinema

Também é um pouco teatro aquilo que se escreve e que se diz pelas várias secções da especialidade que alguns jornais diários mantêm, entregues à competência de camaradas nossos, que sabem do ofício. Ignoramos o que possa ter de divertida esta missão — que obriga necessàriamente, quem a cumpre, a registar diàriamente o movimento teatral do país, além do que possa ter de compensador êsse trabalho por parte das respectivas administrações. Supômos que só o contacto com as *caras pintadas*, principalmente as femininas, atrái e seduz certas criaturas que, passando por cima do comprovado profissionalismo dos outros, se arvoram em informadores e noticiaristas de teatro. E, então, é vê-los, gozados pelos habituais povoadores dos nossos palcos, quando eles passam impertigados, quási solénes, nariz no ar, chapeu na núca, tropeçando, miopes, nos bastidores, lapis em riste, papel na palma da mão, a pedir, a solicitar, baixinho, uma noticiasinha. No dia seguinte surge a prosa, ora alambicada, dôce, meiga, ressumando assucar e mel, ora sentenciosa, conselheiral, posta tantas vezes numa errada noticia, numa *blague* adrede inventada para disfrutar o jornalista feito à pressa, vindo não se sabe de que periódicos publicados lá para as bandas de Cascais. E, se as gentes dos palcos riem à sua custa, os jornalistas autênticos não se riem menos, quando êles se amofinam, amúam e se despedem da redacção...

* * *

É assunto sabido e ressabido que, no nosso teatro, se se ensaia ainda com algum preceito os artistas que vão interpretar qualquer obra, êsses ensaios, quando muito, principalmente por faltar ao ensaiador a competência, não querem dizer ensino, escola de representar, indicação de Arte, ou maneira inteligente de realizar. Ensaiar, nêstes casos, é pôr os artistas em movimento, erguer a marcação da peça, pô-la de pé, aprontá-la para a primeira representação, por isso que, as mais das vezes, quem ensaia sabe muito menos representar do que alguns dos seus ensaiados e muitos dêstes, em vez do teatro, bem poderiam procurar outro ofício. Dêste modo havia um problêma no teatro, até agora sem resolução, e êsse era aquele que saltava aos olhos do artista que se reconhecia com mérito, com intuição, que sabia possuir aquela chama que se exige ao comediante, mas a quem faltava o *mestre*, o professor: aquele que, ensaiando, ensinasse; aquele que sendo dirigente fôsse público ao mesmo tempo. Afinal, dois papeis de duas revistas resolveram o problema. As suas interpretes, inteligentes, assentaram em que os *ensaiadores* as deixassem *papaguear* as palavras e, enquanto estes iam *deixando correr o marfim*, elas, habilidosamente, colhiam, cá fóra, as lições profícuas e sabedoras, guardando-se para a noite da estreia. O êxito surgiu então para qualquer delas, vibrante, apoteótico, registado nas críticas, proclamado pelo público...

O Detective Teatral

O que se passa dentro e fora dos estudios da T. S. F.

(Continuação da pág. 5)

tada de costas no chão a-fim de arranjar direcção propícia para a sua voz; outros de joelhos, outros passeando pelo estúdio, de manuscrito nas mãos e falando a andar; um galã, numa cena de amor, gesticulando para o microfone como se êste fôsse a mulher amada...

A par disto há sempre lâmpadas de côres que se acendem e apagam — e dois homens ajoelhados no chão que saltam de vez em quando, dirigindo-se, por mímica, aos artistas, expressando os mais violentos gestos... e agarrando um, por um braço, puchando-o para mais longe, ou obrigando uma actriz a baixar a cabeça alguns centímetros. Estes homens são os ensaiadores que estão em comunicação directa com o produtor, ligado êste por sua vez a um terrível instrumento que se chama «Controle Dramático». É por intermédio dêste aparelho que se regula uma boa emissão.

Os ordenados dos artistas variam conforme a sua categoria. Um Harry Lander, por exemplo, ou um Chaliapin, ganham 1.000 libras por locução; a média das «estrêlas» de variedades aufere 40 a 50 libras; outros actores e actrizes recebem geralmente 10 libras; e um cantor ou qualquer outro artista vulgar, de 5 a 10 libras, por número que dura cêrca de 15 minutos.

Mas, não é dinheiro fácil de ganhar, pelo que «John Bull» informa.

O incêndio no Odeon, de Paris, e a felicidade do casal La Croix

Uma outra surprêsa que a T. S. F. nos forneceu, foi aquêle caso relatado há pouco tempo por «Le Petit Parisien».

O casal La Croix vivia na melhor harmonia possivel, sem que até então tivesse aparecido qualquer núvem a empanar o brilho da sua felicidade. Contudo, naquela noite, «madame» La Croix, radiante, comunicou ao marido que ia ao «Odeon», com o casal Leblanc, amigo da casa, assistir à representação da peça de grande sucesso «Le foyer rouge». O marido acedeu e como nessa noite não lhe apetecia sair, deixou-se ficar enterrado num «maple», a ler os jornais e... a ouvir T. S. F.

O tempo foi-se passando — e ao cabo de duas horas de audição, o aparelho transmite uma notícia verdadeiramente apavorante: — Um incêncio violentissimo, no Teatro Odeon...

La Croix aterrorizou-se. Visionou a tragédia... A multidão atropelando-se na ânsia da fuga, da salvação... E, no meio de tôda aquela balbúrdia, a sua mulher, delicada, frágil, espesinhada por todos, empurrada, maltratada.

E o aparelho ia registando novos pormenores...: «Os bombeiros atacam, com denôdo, o fogo que alastra por todo o edifício... Foram já retirados três cadáveres e vinte e dois feridos...»

La Croix, aterrado, preso ao «maple», não podia subtrair-se à voz roufenha do «speaker», voz que o escravisava, que o torturava.

«— O número de mortos ascende já a quinze, entre os quais nove senhoras... O incêndio ameaça os edifícios próximos... O espectáculo é de tétrico efeito...»

La Croix não pôde mais e, frenético, inquietado quanto à sorte da espôsa, resolve-se a sair para o local do sinistro. Sôbre o pijama enfiou o seu «pardessus», à-pressa, atabalhoadamente... E quando transpunha a porta, em demanda de «madame» La Croix, chega a espôsa, sorridente, com uma linda côr a afoguear-lhe as feições...

— Então! — gaguejou o marido, emocionado com o aparecimento dela. — Tu aqui, já de volta...

— É verdade, meu querido! E não sabes como o espectáculo foi belo e que linda peça é «Le foyer rouge»... O desempenho, então, é magistral...

— Mas!... — tenta La Croix explicar-se...

— Oh! — atalhou ela, vincando ainda mais o galante sorriso; o Odeon estava à cunha... Os intérpretes foram muito aplaudidos...

Nesta altura, o aparelho que La Croix se esquecera de fechar, elucidava:

«—Finalmente, os bombeiros puderam localizar o incêncio... Trabalha-se activamente. O número de mortos é já de trinta e cinco... Do Odeon, porém, pouco mais resta do que o esqueleto do prédio...».

A senhora La Croix mudou imediatamente de expressão e de côr. E o marido, olhando-a com estranha fixidez, fêz-se branco, levando as mãos à cabeça...

* * *

São muitas as surpresas que essa caixa de maravilhas, que é a radiofonia, nos fornece. E para fechar, lembra-nos aquela anecdota do ladrão que, enamorado pela T. S. F., passava as noites em casa ouvindo as emissões, com grande desespêro da mulher que o recriminava por êle não ir «trabalhar», concluindo assim:

«— Oh! homem! Decididamente, êste maldito aparelho ainda acaba por nos arruinar... Desde que o trouxeste para cá, nunca mais te resolves a... «trabalhar»...

Gil

BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA

«CORINTO Y ORO» EM LISBOA

(Continuação da pág. 7)

geira; que êsse andar é cortado por um corredor sôbre o qual se abrem dezenas de gabinetes; que cada gabinete tem um distico com o nome de um país.

O jornalismo tauromáquico espanhol

...Tudo isto vinha a talhe de foice — porque o crítico tauromáquico espanhol «Corinto y Oro» surpreendera os lisboetas com o brilho literário e a erudição histórica da sua conferência.

É que o jornalismo tauromáquico é a maior «especialidade», a mais importante e exigente da imprensa espanhola. Não é jornalista de touros, no país vizinho, quem quere, ou apenas quem conhece, até às profundezas, a ciência (?) e a arte (??) de tourear. É preciso mais. É indispensável ser jornalista, escrever com elegância e inteligência, possuir uma noção nítida, moderna, da reportagem e da crítica. Todos os jornais, diários ou não, de Espanha, possuem a sua secção tauromáquica — e os redactores especializados, nivelam-se, em categoria, aos melhores cronistas, ou célebres repórteres. O maior ordenado do «A. B. C.», era — no nosso tempo — o do sub-director conde de Santa Maria — que ganhava 7.000 pesetas. Pois o ordenado seguinte era o do seu crítico tauromáquico — que recebia 6.000 pesetas! Uma opinião, uma ofensiva, um silêncio, um elogio dêsses especialistas — põe em jôgo uma carreira e vários capitais dignos de Monte Cristo! Revistecas do género, que tiram um milhar de exemplares, totalizam receitas de 50 e 100 mil pesetas por número em... publicidade; — o que não impede que os «diestros» e os «apoderados» que a pagam — sejam lategados, páginas adiante, pelo crítico...

Para se avaliar a importância... financeira de um jornalista tauromáquico em Espanha basta dizer que as «vagas» nos grandes jornais pagam trespasses — e trespasses mais volumosos do que o do «Printemps»! O actual gazetilheiro taurino da «Noche», de Barcelona — pagou ao anterior, para o substituir, uma «prima» de 20.000 pesetas!!!

Um dos romancistas mais celebrizados da Espanha moderna — Alejandre Pucyo — o autor de «La Casa de Troya» — (150.000 exemplares em dois anos, fora as adaptações teatral e cinematográfica) e de «El Currito de la Cruz», estreou-se nas letras como... jornalista tauromáquico — e como tal se apresentou sempre, até à morte, recente.

A «troca» de secções no «Gaulois»

O velho Meyer, director do clássico diário francês «Gaulois», um dia em que notou que o seu público fraquejava—tentou uma experiência, na intuição de que provocaria uma nova atracção de leitores. Chamou ao seu gabinete todos os seus redactores especializados e trocou-lhes os papéis. Exemplificando... Ao da secção de teatros mandou-o à Bôlsa escrever um artigo de impressões sôbre o momento financeiro; ao dos desportos enviou-o à «Exposição de Belas Artes»; ao das elegâncias e notícias mundanas — distribuiu-lhe o serviço da polícia... Que se visione agora o que seria a prosa dêsses jornalistas, habituados apenas ao seu género — tratando de assuntos tão diferentes; o informador dos «fait-divers» obrigado a apreciar uma peça de Henry Bataille; o das «soirées» elegantes — forçado a escrever uma tragédia de tabernas... Mas fôsse como fôsse, era tal a originalidade dêsses artigos — que, enquanto durou essa troca de lugares e de especialidades, o «Gaulois» triplicou a venda...

R. X.

Reportagens dos leitores

(Çontiuuação da pág. 10)

sem primeiro examinarem o cadáver — e muitas vezes não tendo assistido à pessoa que morreu. Raro é o país em que o delegado de saúde é obrigado a fazer êsse exame — sem o qual cadáver algum póde ser enterrado.

Seide, 20-12-934.

Julião Cardoso

Um «chalet» mágico e a emigração clandestina

Sr. Director do «X» — A-pesar das medidas tomadas contra o tráfico humano dos dois sexos... para Marrocos, a emigração clandestina continua e os engajadores servem-se de mil embustes para realizar o seu negócio. Alguns vivem e são respeitados pela gente de bem, que está longe de supôr as fontes da sua riqueza. A poucos quilómetros desta cidade, frente ao mar, existe um «chalet» pertencente a um antigo comerciante, muito considerado e rico. Êste «chalet», que êle mandou construir o ano passado — é um verdadeiro «alçapão» por onde desaparecem os emigrantes. O sitio é deserto, sobretudo de noite — mas um dos raros vizinhos notou que era freqüente pararem automóveis àquela porta — sempre ao princípio da madrugada, apeando-se dêles homens e mulheres, bem trajados uns, modestamente outros. Pelo visto o jardim traseiro tem um pequeno ancoradouro para um «gasolina» do proprietário. As «visitas» entram por um lado, saem pelo outro — e são levados, em barco de remo, aonde, fora da vista de terra, os aguardam navios pequenos que, por sua vez, os desembarcam na costa marroquina.

Faro, 24-12-934.

T. Oran

Surpresas... da Sorte Grande

Sr. Director do «X» — Veja se esta serve para as «Reportagens dos leitores»: Na Rua Bonjardim, desta cidade, perto do restaurante Lusitano vive um modesto comerciante, de apelido Castro — a quem a lotaria pregou várias partidas. Ainda no ano passado, depois de jurar que nunca mais jogaria, foi seduzido, um sábado, por um cauteleiro que, durante tôda a manhã, cirandou frente à sua casa, apregoando um número tentador. Regateou o preço — e comprou meio-bilhete. Com que alegrão, ao passar essa noite, pelo «placard» do Braga, na Praça da Liberdade, êle viu que lhe saira o segundo prémio! Como já não eram horas para rebater o bilhete — pediu a um vizinho (creio que ao dono do «Lusitano») mil escudos e festejou, essa madrugada e o domingo, espaventosamente a sorte, chegando a segunda-feira sem um tostão. Mas calculem o seu desapontamento quando, ao apresentar o meio-bilhete lhe disseram que era... de três semanas antes! Fôra burlado pelo cauteleiro; não se fixara na data—e endividara-se num conto!

Ora há cousa de um mês, tentou-se de novo e comprou dois décimos. Ao ver a lista — considerou-os «brancos» e colou-os a uma porta de casa, dizendo: «Assim, tenho-os sempre diante dos olhos e não torno a jogar.» Há poucos dias um amigo que comprára, com êle, um vigésimo do mesmo número — encontrou-o e deu-lhe os parabéns. Porquê? — quis êle saber: «Como o meu vigésimo foi premiado — os teus devem ter sido também!». Foram a ver — e concluiram que a lista que êle consultara era... da semana anterior. Agora, para cobrar o prémio — o Castro será obrigado a levar a porta às costas!

Já é ter pouca sorte... com a sorte!

Pôrto, 21-12-934.

Artur Figueiredo

O poeta da melancolia

José Rodrigues

«Parábola do meu sonho»

AO lermos êste livro gozamos aquele íntimo consolo, mixto de orgulho — dum piedoso crente que tivesse um dia compreendido uma alma de eleição desviada de Deus, que a Deus a tivesse dado, apadrinhando-lhe o baptismo e que, anos depois, a reencontrasse em esplendorosa gloria de santidade. E' que conhecemos, há anos, José Rodrigues, poeta *só em manuscrito* e angustiados ante o seu desencaminho—o levamos a lançar o primeiro livro, a obter o pequeno triunfo — apresentando-o ao publico num prefácio que não estava ao nivel da obra mas onde brilhava a profecia da sua victoria. Hoje, ao lermos a «Parabola do meu sonho» um sentimento de alegria e de comoção nos acalentou a alma. Os versos de José Rodrigues têm a leveza do arminho, a pureza dos corações meninos, a tristeza dos que já muito sofreram e o intuito de beleza dos artistas natos. Ele canta e reza os seus versos. Sabe bem embalarmos o coração na sua poesia.

O prefácio em verso de António Bottol define-o. A edição «Cosmopolia» é origina, e simples e digna do seu conteudo.

O atrazo desta semana do «X»

Devido ao facto das nossas oficinas estarem fechadas no dia de «Natal», cumprindo o feriado, o «X» sofreu um atraso de 24 horas — pelo que pedimos aos nossos leitores que nos desculpem e que tenham em conta a involuntariedade desta falta.

BLENOXAN

o MELHOR NO TRATAMENTO DE

PROSTATITES E BLENORRAGIAS

A VENDA EM TODA A PARTE

dep. geral: FARM. J. SILVA CARVALHO - R. DOS TANOEIROS 26

BRANCO & IRMÃO

Posto Emissor C. S. 1-B. I.

Aparelhos de T. S. F.

Reparações • Pára-Raios • Antenas

Perfumarias e Novidades

Telefone 6114

86, Rua de Santo Ildefonso, 88

PORTO

A casa preferida pelos bons radiófilos

Colecção "Amanhã"

O 1.º livro intitula-se

DEZ NOVELAS

DEZ NOVELISTAS

Grande exito de livraria

Está á venda em todo o Pais

Director: MIGUEL CRUZ

Rua Diário de Noticias, 113

Moveis, Estofos e Decorações

Não basta adquirir mobilia, é sempre preciso bom gosto

Especialidade da casa

Manuel Cordeiro

Facilitam-se pagamentos

Secção montada para fornecimento para toda a Provincia

Rua de Belem, 80-82

Telefone. Belem 237

LISBOA

COLOSSAL

O melhor aparelho de T. S. F. em preço e qualidade

PARA TODAS AS ONDAS

Soc. Com. Luso-Americana, Ltd. - Rua da Prata, 145 - Tel. 2 5281 - Lisboa

RUA SÁ DA BANDEIRA, 339 — Tel. 1248 — PORTO

Aos nossos agentes e assinantes

A Administração deste jornal roga aos seus agentes que lhe remetam, devidamente preenchidos, os impressos do movimento de Novembro, assim como as respectivas sobras e a importancia referente à liquidaçao.

Igualmente a Administração do «X» se dirige aos seus numerosos assinantes — visto que está realizando a cobrança, orientada pela lista das pessoas que recebem diretamente o nosso semanário — rogando-lhes um rápido acolhimento do respectivo recibo — cuja expedição estamos fazendo — o que representa a bôa regularisação dos nossos serviços administrativos.

Agradece a

ADMINISTRAÇÃO DO «X»

Denéreologia e Sifilis

Dr. Campos Rocha

Consultório:

R. do Ouro, 266, 1.º Lisboa

Clinica Geral

Dr. Mário Teixeira Bastos

Consultório:

Rua Garrett, 17, 2.º, D.to

LISBOA

Uma noite europeia?

Uma noite em Montmartre?

«O Alhambra»

de LISBOA — PARQUE MAYER

O «Dancing» melhor frequentado

O mais alegre — O mais brilhante

Boa musica — Belo ambiente

Admiravel serviço de «Restaurante»

1 hora de «ALHAMBRA» recompensa 22 horas banais

Surpresas todas as noites

AO "ALHAMBRA"!